

CAPÍTULO 8

Levantamento socioeconômico e experiências agroecológicas das mulheres ribeirinhas nos quintais da Ilha Saracá, Limoeiro do Ajuru, estado do Pará

Ellem Suane Ferreira-Alves, Breno Pinto Rayol, José Ricardo Mariano de Souza, Julia Falqueto Ambrosim, Maurício Novaes Souza

<https://doi.org/10.4322/mp.978-65-84548-14-5.c8>

Resumo

Os quintais agrofloretais são compostos por várias espécies agrícolas e florestais, combinados com criações de pequenos animais. São classificados como sistema agroflorestral (SAF), sendo tradicionalmente empregado nas regiões tropicais e praticado por famílias que vivem em zonas rurais, periurbanas e urbanas localizadas nas áreas próximas às residências e geridas pela mão de obra familiar. Estes quintais, em sua maioria, são geridos por mulheres que costumam adotar práticas agroecológicas em seu cotidiano. Desse modo, o presente estudo objetiva analisar e refletir sobre essas práticas e demais experiências agroecológicas vivenciadas pelas mulheres em seus respectivos quintais na região. Foram selecionadas 15 propriedades familiares na Ilha Saracá no Limoeiro do Ajuru, Pará. Após isso, realizou-se o levantamento de dados socioeconômicos das famílias por meio de aplicação de questionário e observação participativa. Os quintais agrofloretais apresentaram uma área média de 0,06 ha e comportam em média quatro pessoas por domicílio onde há uma predominância entre adultos e idosos. A média de idade dos quintais é de 45 anos, com variação de amplitude de 15 a 78 anos. Em 73,3% dos quintais a atividade de manutenção é realizada pelas mulheres, evidenciando o seu protagonismo. A agricultura não é a principal fonte de renda para as propriedades, sendo composta também pela aposentadoria e extrativismo.

Palavras-chave: Protagonismo feminino. Agrofloresta. Amazônia. Comunidade tradicional. Várzea.

1. Introdução

O quintal agroflorestral é um sistema tradicional de uso da terra amplamente empregado nas regiões tropicais. É um sistema de produção praticado por famílias que vivem em zonas rurais, periurbanas e urbanas, classificado como sistema agroflorestral (SAF), implantado nas áreas próximas às residências. Os quintais agroflorestrais são compostos por várias espécies agrícolas e florestais, combinados com criações de pequenos animais domésticos ou domesticados (CONSTANTIN, 2005; SABLAYROLLES; ANDRADE, 2009; VIDAL; SOUZA; FURUKAWA, 2009; GÖTSCH; VALENÇA, 2019).

Esse modelo de sistema agroflorestral, é mais antigo e se perpetua por meio do conhecimento local repassado entre as gerações, trazendo diferenças entre os modelos de quintais de acordo com a cultura das populações por eles responsáveis (CONSTANTIN, 2005; PALMA; FARINHA-MARQUES, 2019). Os quintais podem contribuir com complementação de renda familiar destas populações tradicionais. Por estar amplamente envolvido nesses sistemas, o fator humano está propício a influências socioeconômicas, e podem ser mutáveis em função de sua composição (RAYOL; MIRANDA, 2017).

Na região amazônica os quintais agroflorestrais se encontram geralmente próximos das casas e são geridos pela mão de obra familiar, onde se destaca a presença da mulher (QUARESMA, 2015). Estes quintais, estabelecidos na Amazônia, abrigam amostras florestais, constituídos por espécies vegetais retiradas da floresta nativa e das capoeiras velhas, fornecendo produtos úteis para as famílias (DUBOIS, 1996; SILVA JÚNIOR, 2013; PEREIRA et al., 2016).

É de relevância destacar a importância do quintal agroflorestral: no mesmo, há a possibilidade de cultivar diferentes espécies, trazendo a segurança alimentar e promovendo a saúde. Além disso, como os agricultores podem comercializar parte da produção que não consomem, provando assim que o quintal agroflorestral auxilia também na complementação da renda familiar (MAGALHÃES et al., 2021).

A agrobiodiversidade gerida pelas populações amazônicas, como a diversidade vegetal silvestre e as práticas produtivas agroextrativistas remetem a uma íntima relação entre as florestas e a agricultura na Amazônia, dificultando a distinção entre o que é silvestre e o que é cultivado (SILVA JÚNIOR, 2013). É

importante lembrar que a agrobiodiversidade é um termo relativamente novo: compreende o estudo das relações complexas que ocorrem entre os seres humanos, os vegetais cultivados por eles e o próprio ambiente no qual estão inseridos. Isto, com a finalidade de auxiliar na promoção do desenvolvimento sustentável, nas políticas de conservação dos ecossistemas cultivados, dentre outras (SANTILLI, 2012; PEREIRA et al., 2016).

Sendo assim, os quintais contribuem com manutenção da agrobiodiversidade, devido à capacidade dos agricultores de selecionar características de interesse, a partir das espécies cultivadas, reconhecida pela Convenção da Biodiversidade – CDB, como uma ferramenta essencial para a conservação da agrobiodiversidade nos agroecossistemas familiares (CDB, 2006).

O manejo, desenho e função das espécies do local pelos agricultores, são os principais aspectos buscados pelos estudos da agrobiodiversidade (DUBOIS et al., 1996; GÖTSCH; VALENÇA, 2019). A interação desses recursos com as populações locais está baseada em suas necessidades - em geral, caracterizam-se por sua heterogeneidade e utilização de tecnologias simples, mantendo o equilíbrio ecológico natural (OLIVEIRA MARTINS et al., 2012). Nesse sentido, o conhecimento da agrobiodiversidade pode revelar o grau de harmonia entre homem-natureza, e ainda indicar caminhos para conservação e manejo de espécies (MARTINS, 1994; LEAKEY, 2013; GÖTSCH; VALENÇA, 2019; SIQUEIRA et al., 2020).

De acordo com Machado et al. (2008); e Götsch e Valença (2019), como resultado do manejo da agrobiodiversidade, podem-se mencionar o equilíbrio dos cultivos diversificados dentro dos múltiplos agroecossistemas, a conservação dos valores culturais e tradicionais e a conservação e o uso de variedades locais e, ou, tradicionais. Para esses mesmos autores, essas variedades são a base da agricultura familiar, e constituem uma importante fonte genética de tolerância e resistência para diferentes tipos de estresse, e de adaptação aos variados ambientes e manejos locais. Dessa forma, têm um inestimável valor para a humanidade, constituindo a base de sua soberania alimentar, valores e aspectos que são a base da agroecologia.

Algumas dessas cultivares regionais são chamadas também de PANC: as plantas alimentícias não convencionais, na verdade, são partes comestíveis de plantas que, geralmente, não se encontram no comércio comum (SARTORI, 2020). Como essas plantas fazem parte da cultura regional, as informações sobre seu cultivo e consumo são disseminadas de geração em geração - por conta disso, há o risco de serem perdidas ou nunca conhecidas em outros locais se não forem devidamente registradas e valorizadas (MACHADO et al., 2021).

Sabendo disso, em todas as regiões tropicais do mundo, as populações locais desenvolveram um sistema integrado de subsistência envolvendo atividades de caça, de pesca e coleta de produtos vegetais e animais, cultivos agrícolas de ciclo curto em roças temporárias e capoeiras assegurando a manutenção da fertilidade do solo. Um dos componentes deste sistema integrado é o chamado quintal agroflorestal (DEBOIS et al., 1996; PEREIRA et al., 2016).

Nesse contexto, os sistemas agroflorestais multiestratos, apresentam estrutura semelhante a dinâmica cíclica das florestas, onde a diversidade biológica possibilita o maior aproveitamento dos recursos naturais (luz, solo, água e nutrientes), em função das diferentes características e necessidades nutricionais de cada espécie, dentro de uma determinada área (RANGEL-VASCONCELOS et al., 2011). Ou seja, esse sistema é uma maneira de produção agrícola que visa imitar ou se aproximar à estrutura natural das florestas, mesclando espécies arbóreas e cultivares alimentícios em diferentes estratos (MARTÍNEZ et al., 2011; LEAKEY, 2013).

Desse modo, os quintais são modelos mais antigos do sistema agroflorestal, que combinam em um único espaço diferentes estratos da vegetação, imitando o desenho de florestas naturais; portanto, cumprem a importante função de conservação da biodiversidade local (ROSA et al., 2007; SILVA, 2013). Embora esses sistemas de produção tenham fascinado muitos e fornecido sustento a milhões, eles receberam relativamente pouca atenção científica (KUMAR; NAIR, 2004; SOUZA, 2023).

Visando analisar e refletir sobre o protagonismo feminino na gestão dos quintais agroflorestais e seus respectivos saberes locais, em um contexto de mudanças que a região Amazônica vive, este estudo tem como objetivo registrar

as práticas e experiências agroecológicas vivenciadas por mulheres, além de um levantamento dos aspectos socioeconômicos de ribeirinhas residentes da Ilha Saracá em Limoeiro do Ajurú, Pará.

2. Metodologia

A pesquisa foi realizada em propriedades de famílias ribeirinhas da comunidade Ilha Saracá no município de Limoeiro do Ajuru, na Região do Baixo Tocantins (Figura 1). A comunidade está situada nas coordenadas geográficas $1^{\circ} 58' 10''$ S e $49^{\circ} 20' 34''$ W, localizada em pleno estuário amazônico, na confluência do Rio Tocantins com o Rio Pará (ALVES; RAYOL, 2021).

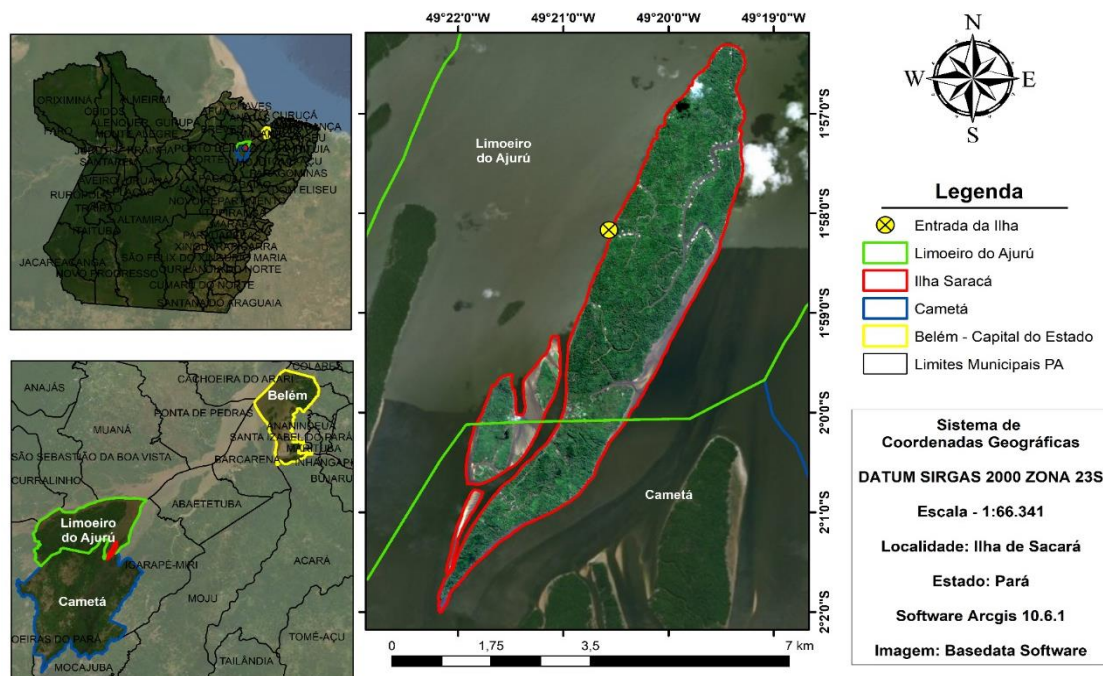


Figura 1. Situação geográfica da Ilha Saracá, localizada em Limoeiro do Ajuru, estado do Pará. Fonte: Os autores, 2019.

A Ilha Saracá possui características de várzea, estando sujeita às enchentes das marés, que dominam de forma marcante a paisagem. Segundo Pompeu (2004), aproximadamente de 50 a 80% da população nesta região é constituída por pessoas que vivem ao longo das margens dos rios. Logo, a economia local é baseada principalmente na atividade pesqueira e na extração de açaí; em menor grau, a criação de pequenos animais, tais como pato, galinha

e porco, bem como o cultivo de pequenas hortas, hábito este observado em toda região do estuário amazônico (HIRAOKA; RODRIGUES, 1997). Assim como outras comunidades amazônicas, o modo de vida local é influenciado pela dinâmica do seu rio principal e pelas estações do ano, tradicionalmente conhecidas como inverno e verão amazônicos (CHAVES, 2015).

O vínculo familiar da proponente com moradores da ilha incentivou o desenvolvimento desta pesquisa, em contato com os familiares, foram solicitadas informações sobre a possibilidade de realização deste estudo. Por se tratar de uma pesquisa em comunidade tradicional e que depende da colaboração dos moradores para sua realização, seguindo as exigências, todos os entrevistados assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) antes de participar da pesquisa.

Foi realizado um levantamento das propriedades das famílias, onde os sistemas agroflorestais, caracterizados como “quintais”, estivessem estabelecidos e em plena atividade, em cada uma das três áreas da ilha. Em seguida, procedeu-se a seleção aleatória das unidades familiares, por conglomerado para serem visitadas, sendo selecionadas 15 propriedades. Em cada unidade foi entrevistado o/a morador (a) reconhecido (a) como o/a chefe familiar. Na Figura 2 é possível observar a vista frontal das residências encontradas na Ilha Saracá.



Figura 2. Vista frontal das residências encontradas na Ilha Saracá, Limoeiro do Ajuru, PA. Fonte: Os autores, 2019.

A coleta de dados nas propriedades selecionadas foi conduzida a partir de procedimentos metodológicos, recomendados para o Diagnóstico Rural Participativo (DRP). Inicialmente foi realizada uma observação participativa, a fim de compreender a percepção da realidade da comunidade. Foram realizadas turnês guiadas, no entorno das residências, em geral nos quintais, e em áreas vizinhas de mata, no intuito de se reconhecer e entender a relação dos moradores com as espécies existentes. Os dados associados e as respectivas informações encontradas, foram registrados em cadernos de campo; como complemento, foram realizados registros fotográficos (ALBUQUERQUE et al., 2010).

Os dados socioeconômicos foram tabulados em planilha eletrônica, de acordo com as categorias das perguntas abordadas nos questionários. Posteriormente, foram realizadas análises descritivas dos percentuais, médias e amplitudes relacionadas, e realizados a elaboração de gráficos e tabelas para melhor representar os dados obtidos, além de serem sistematizados os dados qualitativos obtidos em campo.

3. Resultados e Discussão

Segundo os entrevistados, a origem dos moradores é essencialmente do estado do Pará, formados por grupos familiares pequenos. Santos et al. (2013) consideraram que a permanência no lugar desde a infância permite a construção de uma identidade cultural, que é fortalecida pelos saberes e valores compartilhados.

Foi observado, que a faixa etária dos moradores entrevistados, era elevada: além da proporção de adultos e idosos, entre 21 e 80 anos (70%) sendo predominante em relação a crianças e jovens (30%). Mesmo com a alta frequência de crianças entre 0 e 10 anos (19,0%); e de adolescentes e jovens, entre 11 a 20 anos (11,0%), a presença dos mais velhos foi predominante nas moradias visitadas.

As propriedades visitadas, apresentaram um total de 55 moradores, com uma amplitude que variou de 1 a 6 moradores e uma média de 4 moradores por domicílio, incluindo todas as faixas etárias. O número reduzido de moradores por

propriedade acaba influenciando no desenvolvimento de atividades nos quintais, tais como manutenção e expansão. Logo, para complementar a força de trabalho, é comum a busca por mão de obra externa em localidades vizinhas: essa busca se dá pela alta demanda, de realização de atividades rotineiras, dentro dos quintais, tais como capina, limpeza e colheita, o que leva ao aumento dos custos de produção.

Em nenhuma das propriedades avaliadas foi observado que a agricultura é fonte de renda exclusiva, que garanta o sustento das famílias da Ilha Saracá. Com isso, a composição da renda advém de outras fontes como a aposentadoria e extrativismo, sendo as mais predominantes. Outras fontes de renda primária registradas foram o benefício do governo (Seguro Defeso) e a prática da pesca (Tabela 1).

Essa dependência de outras fontes de renda se torna cada vez maior na medida em que ocorre o envelhecimento da população, em função da menor capacidade motora, levando a preferência pela vida no meio urbano. De acordo com as afirmações de Winckler et al. (2016), esse movimento pode ser explicado pela busca de maiores perspectivas de acesso ao lazer e a assistência à saúde; em contrapartida, com a redução do número de pessoas nas regiões rurais, menor será a disponibilidade de mão de obra, tornando-se escassa.

Tabela 1. Principais fontes de renda registradas em 15 propriedades familiares da Ilha Saracá, Limoeiro do Ajuru, PA

Fonte de renda	Nº de propriedades	Frequência (%)
Aposentadoria	6	40
Extrativismo	5	33
Benefício assistencial	3	20
Pesca	1	7
Total	15	100

Fonte: Os autores, 2019.

Estudos realizados demonstraram a relação entre as atividades dentro e fora do campo, e sua influência na permanência do agricultor nas regiões campestres. Gomes et al. (2018) verificaram os quintais em propriedades rurais de agricultores familiares de Brasília, no Distrito Federal, em que a fonte de renda considerada mais importante para os entrevistados foi aquela que advém de trabalhos fora da propriedade, como ganhos de salários e contratos ou diárias, seguido de atividades na propriedade e aposentadoria.

Fantinel et al. (2016) afirmam que, progressivamente, tem-se tornado comum em uma unidade familiar, a ocupação de outras atividades geradoras de renda que não sejam agrícolas: os agricultores familiares tem buscado novas formas para alcançarem maior rendimento, assim, melhorar a sua qualidade de vida.

Foi observado nos 15 quintais visitados, que a maioria dos espaços possuíam pequenas dimensões totais em área. A área média das propriedades rurais estudadas foi de 4,2 ha, com variação entre 2 e 7 ha. A área dos quintais variou entre 0,075 e 0,12 ha, com uma média de 0,06 ha. Cerca de 47% dos lotes possuíam quintais com até 0,05 ha; e 53% possui área igual ou maior a 0,06 ha.

Foi verificado que a soma da área total das 15 propriedades, correspondeu a 63 ha, e a soma da área ocupada com os quintais agroflorestais foi de 0,92 ha. A proporção média da área ocupada pelos quintais agroflorestais em relação à área total dos lotes foi de 1,5%, variando entre de 0,5 a 3,75%, sendo apenas essa porcentagem da área total, que é destinada ao cultivo nos quintais.

A área ocupada e o crescimento dos quintais da Ilha Saracá podem estar relacionados a diversos fatores, sendo o principal deles determinado pelo objetivo de produção dos cultivos de seus moradores. Além disso, a força de trabalho disponível é outro fator limitante à expansão e desenvolvimento dos quintais do local. Devido ao número reduzido de moradores por lote, em alguns casos com idade avançada, o aproveitamento da área se torna difícil de contemplar as atividades que requer mão de obra intensa. Nestes casos, acontece limitada expansão dos quintais, o que faz estas áreas de espaços para cultivo de espécies frutíferas, medicinais e condimentares, destinadas apenas a um complemento da dieta dos moradores da ilha.

Alguns quintais de outras localidades apresentam dimensões aproximadas às encontradas nas propriedades da Ilha Saracá, o que mostra ser um fato comum na região. Garcia et al. (2017) ao analisarem quintais em uma comunidade do município de Santarém, Pará, encontraram amplitude de área entre 0,01 ha e 1,02 ha, com a média igual a 0,17 ha. Ao analisarem quintais no município de Abaetetuba, Pará, Gonçalves e Lucas (2017) verificaram que eles possuíam entre 0,002 a 15 ha.

Um fato comum na Amazônia, principalmente nas regiões ribeirinhas, são as propriedades que mantem amplas áreas de floresta, próximas às suas moradias. Estas áreas funcionam como abrigo de animais silvestres, fornecem plantas medicinais, madeira para lenha, além de produtos florestais não madeireiros, tais como óleos e frutas, que são explorados de modo extrativista e bastante utilizado pelos agricultores, como observado por Costa e Mitja (2010). Nas Figuras 3 a 6, é possível visualizar algumas áreas dos quintais localizados nos arredores das residências dos ribeirinhos na Ilha Saracá.



Figuras 3, 4, 5 e 6. Áreas dos quintais nos arredores das residências dos ribeirinhos na Ilha Saracá, Limoeiro do Ajuru, PA. Fonte: Os autores, 2019.

Em relação ao tempo de ocupação dos quintais, o mais antigo foi estabelecido a cerca de 78 anos; e o mais recente possui 15 anos. Em média, o tempo de moradia das casas visitadas foi de 45,8 anos. Essa ocupação pode ser considerada antiga e fortemente estabelecida, pelos seguintes fatos: devido aos chefes das famílias muitas vezes serem idosos; ou seu processo de instalação ter origem em seus pais ou avós; além de não se saber ao certo qual a data exata de início do estabelecimento dos quintais.

É importante perceber que os residentes dos quintais, são pessoas que tem uma relação longa com o campo, ali vivendo a maior parte de suas vidas. Assim, segundo Gervazio et al. (2016), acredita-se que esses moradores procuram continuar com esses saberes tradicionais e culturais herdados de seus familiares, cultivando, criando animais e permanecendo em contato com os recursos naturais.

Em relação à atividade de manutenção dos quintais, em sua maioria foi realizada pelas mulheres (Figura 7). Dos quintais avaliados, 73,3% possuíam mulheres como as principais cuidadoras e, ou, mantedoras do espaço em questão; enquanto somente 26,7% dos espaços eram mantidos sob a responsabilidade dos homens.



Figura 7. Mulheres nos quintais agroflorestais da Ilha Saracá, Limoeiro do Ajuru, Pará. Fonte: Os autores, 2019.

Dentre estas mulheres, a maioria administra as atividades como o manejo da horta (Figuras 8 a 10) para manutenção das plantas alimentícias, alimentação

dos animais, plantio e coleta de frutíferas, limpeza dos quintais, produção de adubação e substratos por meio da compostagem, manejo das plantas ornamentais e medicinais, entre outras atividades.

Nos quintais avaliados, observou-se que a gestão desses agroecossistemas ainda permanece sob a responsabilidade das mulheres, mesmo quando estas possuem emprego fora da residência - mas de maneira menos intensa e mais dividida; ou então ao não apresentam mais condições físicas de realizar trabalhos manuais mais intensos, em função da idade avançada.



Figuras 8 e 9. Hortas: mulheres são as mantenedoras nos quintais agroflorestais da Ilha Saracá, Limoeiro do Ajuru, Pará. Fonte: Os autores, 2019.



Figura 10. Espaço de horta: mulheres são as mantenedoras dos quintais agroflorestais da Ilha Saracá, Limoeiro do Ajuru, PA. Fonte: os autores, 2019.

Pereira e Figueiredo Neto (2015); e Leal et al. (2020) obtiveram resultados semelhantes, no qual demonstram que as mulheres desempenham um papel importante, na condução do quintal agroflorestral, com participação intensa no manejo do quintal, representando grande força de trabalho na unidade familiar, pois além das atividades produtivas, ela ainda realiza tarefas domiciliares, englobando diversos serviços domésticos.

Tal fato também foi constatado por Oliveira et al. (2015) em um assentamento periurbano no Pará, onde as mulheres, além dos afazeres domésticos, cuidam dos quintais e são conhecedoras das plantas, das receitas medicinais e dos tratos culturais dos plantios agroecológicos.

Apesar das mulheres predominarem nos cuidados dos quintais, em reduzido número foi observado que acontece a divisão de trabalho, onde os homens também se dedicam, particularmente, no (a): manejo das fruteiras, corte de lenha, capina e manutenção dos currais; enquanto as mulheres se dedicam mais ao trabalho doméstico, mas ainda assim não deixam de se envolverem na manutenção dos quintais - observações sobre a divisão de trabalho também contatadas por Costa et al. (2017).

Observou-se que todos os quintais agroflorestrais visitados apresentaram animais, tais como galinhas, patos e suínos, onde seu cuidado e manejo também, prioritariamente, realizado pelas mulheres da ilha, demonstrando mais uma vez o seu protagonismo nas atividades que ali se dão. No entanto, não foi registrada nenhuma atividade comercial que envolva esses animais; ou seja, eles apenas compõem a dieta dos moradores da ilha, contribuindo para sua subsistência. Contudo, em algumas propriedades ocorreriam pontuais vendas desses animais, geralmente entre os vizinhos mais próximos.

Tento em vista que essa é uma atividade comum em quintais agroflorestrais, Costa et al. (2017) observaram a criação de animais de pequeno porte, onde se realiza o consumo dos ovos e a venda das galinhas nas feiras locais.

Há de se considerar que as mulheres representam mundialmente cerca da metade dos 2,5 milhões de pequenos agricultores, criadores, habitantes das florestas e pescadores, cujos conhecimentos e trabalho cumprem papel fundamental na sustentabilidade dos diversos sistemas alimentares,

particularmente nos países em desenvolvimento (PACHECO, 2009). As experiências observadas na Ilha Saracá vão de encontro a diversos estudos já realizados em outras localidades.

Para essa mesma autora, essas pesquisas demonstram o quanto as mulheres trabalham e como estão fortemente engajadas, em quase todas as atividades agrícolas e extrativistas, assumindo extensas jornadas de trabalho. Entretanto, continuam com restrições ao acesso de recursos produtivos, bem como ao devido reconhecimento do seu trabalho que ainda é comumente colocado em questão.

Frente a isso, Ferreira (2009) determina que se faz necessário avançar no debate referente às desigualdades entre homens e mulheres do campo, considerando que essas diferenças são socialmente construídas. Desse modo, a agroecologia pode contribuir na desconstrução, para que as mulheres tenham suas demandas consideradas e devidamente respeitadas, seus conhecimentos reconhecidos e seus trabalhos plenamente valorizados (FERREIRA, 2009). Além disso, quando se fala em desenvolvimento sustentável, é indissociável excluir da pauta de debate a questão da igualdade de gênero, o que a ONU (2022), prevê no objetivo de desenvolvimento sustentável (ODS) número 5.

Pesquisas como esta apresentam evidências quanto as perspectivas e possíveis caminhos de mudança nos quadros de desigualdades. Resultados das pesquisas de Pacheco (2009) demonstram processos de construção coletiva que se interpõe no plano local, regional, nacional e internacional. Os vários caminhos nos quais as mulheres exercem um papel de liderança e protagonismo, desafiam a construção do campo agroecológico e, da mesma maneira, introduzem mudanças nos sistemas de produção vigentes, onde as mulheres vão experimentando transformações em sua própria vida cotidiana, que as projetam ao questionamento do modelo agrícola e social, consagrando-se como sujeitos políticos e sociais.

4. Considerações Finais

Investigações desta natureza evidenciam a relevância dos estudos dos recursos naturais e de que forma se relacionam com o contexto socioeconômico

e ambiental em que as comunidades ribeirinhas estão inseridas, como do nordeste paraense, aqui representada pela Ilha Saracá.

Tais informações são influenciadas pelo tempo de residência na área local, diferentes configurações familiares, artifícios e atividades disponíveis para a geração e composição da renda local, entre outros; o que aponta para uma forte afinidade dos mesmos com os recursos naturais ali existentes, e um acúmulo de informações e saberes gerados a partir de interações entre famílias.

Portanto, foi possível evidenciar e trazer a luz o protagonismo feminino exercido pelas mulheres ribeirinhas, em seus respectivos quintais agroflorestais, valorizando suas práticas agroecológicas. Sua presença em campo se torna evidente, fortemente marcada pelo respeito e vasto conhecimento, sendo um processo dinâmico, que vai se readequando e sendo transmitido pelas gerações ao longo do tempo, ainda que de maneira menos intensa e participativa diante das mudanças sociopolíticas e ambientais experimentadas pelas novas gerações.

O fato é que, especialmente nos países em desenvolvimento, as mulheres têm um papel fundamental e desempenham várias funções essenciais em sistemas agrícolas, de criação de animais, comunidades florestais e pesca em todo o mundo. Seus conhecimentos, trabalho e contribuições são vitais para a sustentabilidade dos sistemas alimentares. Esses sistemas são especialmente relevantes para comunidades rurais e pequenos agricultores, pois podem melhorar a segurança alimentar, aumentar a renda e promover a conservação dos recursos naturais.

No entanto, é importante destacar que o manejo correto e a escolha adequada das espécies são fundamentais para o sucesso de um quintal agroflorestal. O conhecimento local e a troca de experiências entre agricultores são aspectos essenciais para o desenvolvimento sustentável desses sistemas.

5. Referências

ALBUQUERQUE, U. P. de; LUCENA, R. F. P. de; LINS NETO, E. M. de F. Seleção dos participantes da pesquisa. **Métodos e técnicas na pesquisa etnobiológica e etnoecológica**, p. 21-36, 2010.

CHAVES, G. P.; FURTADO, L. G.; CARDOSO, D. M.; SOUSA, F. A importância sociocultural do açaí (*Euterpe oleracea* Mart.) na Amazônia Brasileira. **Contribuciones a las Ciencias Sociales**, v. 29, 2015.

CONSTANTIN, A. A. **Quintais agroflorestais na visão dos agricultores de Imaruí-SC**. 2005. 120 f. Dissertação (Mestrado em Agroecossistemas) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

CONVENÇÃO SOBRE BIODIVERSIDADE BIOLÓGICA. (Série Biodiversidade 2) Brasília: **MMA**. SBF, 123 p. 2006.

COSTA, G. C.; MOURA, N. D. S.; FARIAS, A. K. D.; ALHO, E. A.; JUCOSKI, G. de O. Caracterização socioeconômica e levantamento de espécies vegetais em quintais agroflorestais da zona rural do município de Parauapebas, Pará. **Revista Agroecossistemas**, v. 9, n. 1, p. 199-211, 2017.

COSTA, J. R. da; MITJA, D. Uso dos recursos vegetais por agricultores familiares de Manacapuru (AM). **Embrapa Amazônia Ocidental-Artigo em periódico indexado (ALICE)**, 2010.

DUBOIS, J. C. L. **Manual agroflorestal para a Amazônia**. Rebraf. Fundação Ford, Rio de Janeiro, 228 p. 1996.

FANTINELI, D. G.; FERREIRA, A. G.; GODOY, C. M. T.; BELING, H. M. A agricultura familiar e suas estratégias de sobrevivência. In: Seminário Nacional de Desenvolvimento Regional, 1. **Anais...** Taquara, 2016.

FERREIRA, A. P. L. A Importância da Perspectiva Agroecológica no Empoderamento das Mulheres Camponesas: Processo Mulheres e Agroecologia como Estudo de Caso. **Cadernos de Agroecologia**, v. 4, n. 1, 2009.

FERREIRA-ALVES, E. S.; RAYOL, B. P. Diversidade das Espécies Arbóreas em Quintais de Várzea da Ilha Saracá, Limoeiro do Ajuru, Pará. **Espaço Aberto**, v. 11, n. 1, p. 63-80, 2021.

GARCIA, B. N. R.; VIEIRA, T. A.; OLIVEIRA, F. de A. Aspectos socioeconômicos de manejadores de quintais agroflorestais: o caso de uma comunidade rural na Amazônia. **Contribuciones a las Ciencias Sociales**, n. 1, 2017.

GOMES, K. B. P.; MARTINS, R. D. C. C.; DIAS, C. A.; MESQUITA MATOS, J. M. de. Quintais agroflorestais: características agrossociais sob a ótica da agricultura familiar. **Revista Ibero-Americana de Ciências Ambientais**, v. 9, n. 4, p. 111-124, 2018.

GONÇAVES, J. P.; LUCAS, F. C. A. Agrobiodiversidade e etnoconhecimento em quintais de Abaetetuba, Pará, Brasil. **Revista Brasileira de Biociências**, v. 15, n. 3, 2017.

GÖTSCH, E.; VALENÇA, M. M. **Agrofloresta: Conceitos e técnicas para a agricultura sustentável**. Editora Fazenda da Toca, 2019. ISBN: 978-85-93856-03-3.

HIRAOKA, M.; RODRIGUES, D. L. Porcos, palmeiras e ribeirinhos na várzea do estuário do Amazonas. Furtado LG, organizador. **Amazônia: desenvolvimento, sociodiversidade e qualidade de vida**. Belém: Universidade Federal do Pará, p. 70-101, 1997.

KUMAR, B. M.; NAIR, P. K. R. The enigma of Tropical homegardens. **Agroforestry Systems**, Dordrecht, v. 61, p.135-152, 2004.

LEAKEY, R. The role of agroforestry in sustainable agricultural systems. **Springer**, 2013. ISBN: 978-94-007-7728-5.

LEAL, L. et al. Quintais produtivos como espaços da agroecologia desenvolvidos por mulheres rurais. **Perspectivas em Diálogo: revista de educação e sociedade**, v. 7, n. 14, p. 31-54, 2020.

MACHADO, A. C., ROCHA, D. G., ROSSI, F., BORGES, J. G., GOMES, T. M. **Plantas alimentícias não convencionais: PANC - Pirassununga**: Faculdade de Zootecnia e Engenharia de Alimentos da Universidade de São Paulo, 2021.

MACHADO, A. T.; SANTILLI, J.; MAGALHÃES, R. **A agrobiodiversidade com enfoque agroecológico: implicações conceituais e jurídicas**. Embrapa Cerrados-Livro científico (ALICE), 98 p. 2008.

MAGALHÃES, M. V. D.; XAVIER, S. A. B.; SANTOS, G. S.; NETTO, R. T.; GAMA, A. J. C.; PELUZIO, T. M. O.; AMARAL, A. A. Quintais agroflorestais como alternativa sustentável e de segurança alimentar na agricultura familiar. **Extensão rural: práticas e pesquisas para o fortalecimento da agricultura familiar**, [s. l.], v. 1, p. 600-617, 2021.

MARTÍNEZ, G. B.; OLIVEIRA, E. C. P.; MATOS, I.; SILVA, A. B. **Agrofloresta em sistema de multiestrato: uma breve abordagem teórica**. Universidade Federal Rural da Amazônia, Pará, 2011.

MARTINS, P. S. Biodiversity and agriculture: patterns of domestication of Brazilian native plant species. **Academia Brasileira de Ciências**, Rio de Janeiro, v. 66, n. 1, p. 219-224, 1994.

OLIVEIRA MARTINS, W. M.; MARTINS, L. M. de O.; PAIVA, F. S.; MARTINS, W. J. de O.; LIMA-JÚNIOR, S.F.L. Agrobiodiversidade nos quintais e roçados ribeirinhos na comunidade Boca do Mõa–Acre. **Biotemas**, v. 25, n. 3, p. 111-120, 2012.

OLIVEIRA, C. M.; SILVA, R. O.; ALMEIDA, R. H. C. Diversificação produtiva, reprodução socioeconômica e mulheres no Assentamento Periurbano Mártires De Abril – Pará. **Nucleus**, v. 12, n. 1, p. 1-14. 2015.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Objetivos de Desenvolvimento Sustentável**. [S. l.], 2022. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>. Acesso em: jul 2023.

PACHECO, M. E. L. Os caminhos das mudanças na construção da Agroecologia pelas mulheres. **Revista Agriculturas**, v. 6, n. 4, p. 4-8, 2009.

PALMA, J.; FARINHA-MARQUES, P. (Eds.). *Agroforestry for Sustainable Land-Use Fundamental Research and Modeling with Emphasis on Temperate and Mediterranean Applications*. Springer, 2019. ISBN: 978-3-030-21816-5.

PEREIRA, F. de A. R.; SILVA, C. R. da; FURTADO, F. R. A.; LIMA, G. dos S. **Quintais Agroflorestais: uma alternativa para o desenvolvimento rural sustentável**. Editora Embrapa, 2016. ISBN: 978-85-7035-553-6.

PEREIRA, P. V. M.; FIGUEIREDO NETO, L. F. Conservação de espécies florestais: um estudo em quintais agroflorestais no município de Cáceres - MT. **Revista Eletrônica em Gestão, Educação e Tecnologia Ambiental**, v. 19, p. 783-793, 2015.

POMPEU, C. Resgate e valorização da sabedoria popular sobre o uso de ervas medicinais no Baixo Tocantins (PA). **Revista Agriculturas - experiências em agroecologia**, p. 15-7, 2004.

QUARESMA, A. P. Mulheres e quintais agroflorestais: a “ajuda invisível” aos olhos que garante a reprodução da agricultura familiar camponesa amazônica. **Coletânea Sobre Estudos Rurais e Gênero**, p. 35, 2015.

RANGEL-VASCONCELOS, L. G. T.; KATO, O. R.; VASCONCELOS, S. S.; OLIVEIRA, F. de A.; PAIN, A. F.; GREFF, L. T. B.; SOARES, K. P.; BARROS, L. SANTOS, N. V. dos. Biomassa e estoques de nutrientes em vegetação de pousio sob diferentes manejos em sistema agroflorestal sequencial de corte-e-trituração na Amazônia Oriental. Embrapa Amazônia Oriental-Artigo em anais de congresso (ALICE). In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SISTEMAS AGROFLORESTAIS, 8, 2011, Belém, PA. **Anais...** Belém, PA: SBSAF: Embrapa Amazônia Oriental: UFRA: CEPLAC: EMATER: ICRAF, 2011., 2011.

RAYOL, B. P.; MIRANDA, I. S. Influência dos fatores socioeconômicos sobre a riqueza de plantas de quintais agroflorestais da Amazônia Central. **Revista Espacios**, v. 38. n. 46, p. 28, 2017.

ROSA, L. S.; SILVEIRA, E. de L.; SANTOS, M. M. dos; MODESTO, R. da S.; PEROTE, J. R. S.; VIEIRA, T. A. Os quintais agroflorestais em áreas de agricultores familiares no município de Bragança-PA: composição florística, uso de espécies e divisão de trabalho familiar. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v. 2, n. 2, 2007.

SABLAYROLLES, M. das G. P.; ANDRADE, L. de H. C. Entre sabores, aromas e saberes: a importância dos quintais agroflorestais para agricultores ribeirinhos no tapajós-PA. In: **Resumos...** VII Congresso Brasileiro de Sistemas Agroflorestais. p. 22-26. 2009.

SANTILLI, J. **Agrobiobiodiversidade e direito dos agricultores** (livro eletrônico). São Paulo: Peirópolis, 2012. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=ptBR&lr=&id=93KCCwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT6&dq=agrobiodiversidade&ots=LcjzqnVBPs&sig=odwW5IPtunCwmENxn2TNNUGjDig#v=onepage&q=agrobiodiversidade&f=false>. Acesso em: 17 jul. 2023.

SANTOS, A. S.; OLIVEIRA, L. C. L.; CURADO, F. F.; AMORIM, L. O. Caracterização e desenvolvimento de quintais produtivos agroecológicos na comunidade Mem de Sá, Itaporanga d'Ajuda-Sergipe. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v. 8, n. 2, p. 100-111, 2013.

SARTORI, V. C. [et al.]. **Plantas Alimentícias Não Convencionais – PANC**: resgatando a soberania alimentar e nutricional. – Caxias do Sul, RS: EducS, 2020.

SILVA JUNIOR, A. L. da; SANTOS, S. M. S. B. M.; SABLAYROLLES, M. das G. P. O amálgama floresta e agricultura na reserva extrativista Arióca Pruanã. **Novos Cadernos NAEA**, v. 16, n. 1, 2013.

SILVA, I. C. **Sistemas agroflorestais**: conceitos e métodos. Itabuna: SBSAF, 308 p. 2013.

SIQUEIRA, C. B.; SOUZA, M. N.; RANGEL, D. S.; ANDRADE, J. P. Z.; RADAIK, P. H. Implantação de agrofloresta como forma de educação ambiental, no município de Castelo, Espírito Santo. In: IX SIMBIOMA, 2020, Santa Teresa. **Anais... IX Simpósio sobre a Biodiversidade da Mata Atlântica (SIMBIOMA) Mata Atlântica: Domínio transdisciplinar**. 2020. v. 1.

SOUZA, M. N. (Org.) **Tópicos em recuperação de áreas degradadas**. Vol. V. – Canoas, RS: Mérida Publishers, 2023. 348 p. ISBN: 978-65-84548-12-1. DOI: <https://doi.org/10.4322/mp.978-65-84548-12-1>.

VIDAL, E.; SOUZA, L. A. G. de; FURUKAWA, T. **Sistemas Agroflorestais Sucessionais**: bases científicas para sistemas agroflorestais com espécies sucessoras. Embrapa Amazônia Oriental, 2009. ISBN: 978-85-98888-27-4.

WINCKLER, M. et al. Idosos no meio rural: uma revisão integrativa. **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**, v. 21, n. 2, 2016.